

***A LITERATURA DIGITAL: RESTARÁ ALGUMA
COISA DE NOSSOS AMORES?
THE DIGITAL LITERATURE: WILL BE LEFT
ANYTHING OF OUR PASSIONS?***

Quelciane Ferreira Marucci*
Edgar Cézár Nolasco**

RESUMO: Este artigo visa analisar a fortuna crítica da literatura digital, pois é crescente a produção de publicação de livros, artigos e revistas no meio digital. Portanto, ao acessar as páginas da *web* nos deparamos com inúmeros *sites* que disponibilizam obras digitalizadas, ou seja, do meio impresso para o meio digital e obras somente *on-line*. Além de divulgar a publicação e/ou conhecimento de hipertextos que também é encontrado nas tramas das páginas digitais.

Palavras-chave: literatura digital; hipertexto; livro.

ABSTRACT: This article intends to analyse the review digital literature because it is raising the production of books, articles and newspaper publication on digital media. Therefore, when we access the web pages we find countless sites that make available digital works, namely, printed media to digital media and works only on-line. Besides, we may disseminate the publication and/or the knowledge of hypertexts that also is found on digital pages.

Keywords: digital literature; hypertext; book.

[...] Alguém me toma em suas mãos, me abre, coloca-me sobre a mesa, me alisa, e por vezes me dobra. Submeto-me até que, de súbito, luzindo e flamejante, controlo a atenção à distância, meus poderes atravessam espaço e tempo, fustigam os maus, protegem os bons. Ninguém me pode esquecer ou ignorar: sou um fetiche, ao mesmo tempo terrível e desejado.

(SARTRE apud BELLEI, 2002, p. 15).

* Mestranda do curso de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens da UFMS na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. Esse artigo faz parte de uma pesquisa maior intitulada “Três *e-books* de ficção científica: uma análise comparativista”, sob orientação do Professor Doutor Edgar Cézár Nolasco – DLE/CCHS/UFMS.

** Professor Doutor dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação do DLE/CCHS/UFMS.

O Simpósio realizado em 1994, na recém-criada Universidade San Marino, na Itália, trouxe à tona um assunto que fez dele um evento internacional, pois os trabalhos apresentados foram publicados juntamente com a Editora da Universidade da Califórnia que logo percebeu que os textos eram importantes para o mercado editorial americano. Os trabalhos foram publicados em 1996, com o título *The Future of the Book*, ou seja, a temática que gerou toda essa propagação foi a questão do futuro do livro impresso. Os ensaios estavam voltados para a dimensão temporal e histórica presente na palavra “futuro”, além disso, percebe-se neles a preocupação *traumática* com o futuro do livro.

Na leitura de Bellei (2002, p. 10),

Esquemáticamente, essa preocupação pode ser traduzida da seguinte maneira: é preciso examinar a fundo a questão de seu desaparecimento ou, pelo menos, de uma mudança radical na sua natureza, como resultado do aparecimento da informática e dos meios eletrônicos de acúmulo e fluxo de informação. E trata-se de uma preocupação culturalmente traumática porque a perda ou a modificação da natureza do livro é muito mais do que a mudança de instituição e, até mesmo, de um objeto mágico e sagrado, porque culturalmente transformado em fetiche (vale dizer, enfeitado).

Não há como não considerar esta questão um problema traumático. Ora, estamos falando da ameaça do desaparecimento do livro, ou seja, de algo culturalmente valioso. Mas também não podemos esquecer-nos das novas tecnologias que surgem e que, de alguma maneira, refletem nas mudanças que o próprio sistema exige.

Vale indagar, portanto, qual o verdadeiro significado cultural do livro. Bellei relata que o livro possui quatro significados: *objeto, instituição, valor simbólico e tecnologia*. O livro não é somente um objeto de consumo ou de uso cotidiano, antes, é um símbolo da dimensão espiritual, das artes, das ideias e do intelecto, ou seja, um objeto sagrado e enfeitado, onde “sua materialidade existe apenas para ser negada e para apontar para o verdadeiro significado: um repositório de tudo o que foi feito de melhor, pelo homem, nas artes e nas ciências” (BELLEI, 2002, p. 12). Como instituição, o livro constitui todo um circuito de produção: *autores, editores, críticos, comunidades interpretativas institucionalizadas*. Criando, assim, uma hierarquia onde o autor é conhecido como *autor-mestre* e o leitor como sujeito subordinado ou *leitor-aprendiz*. Como valor simbólico, o livro estabelece valores comunitários e econômicos e identidades grupais e individuais. Define as subjetividades e o que elas significam na sociedade humana, pois “o homem que lê não é o mesmo que o homem que não lê” (BELLEI, 2002, p. 13). O livro não depende agora somente da instituição, mas também da tecnologia. Afinal,

Uma certa forma de fazer coisas utilizando um certo instrumental, e porque toda tecnologia jamais é apenas um instrumento de uso, mas também e principalmente, um instrumento que usa e condicionam os seus usuários, o livro afeta o sujeito que o lê. Somos sempre também usa-

dos pelas coisas que usamos. Usar excessivamente uma cadeira, por exemplo, torna-nos mais sedentários. O hábito de utilizar essa tecnologia de armazenar conhecimento chamado livro, da mesma forma, torna-nos usados e moldados por aquilo que pensamos apenas usar. [...] muito mais que um objeto, portanto, o livro é uma *instituição* que propicia uma certa ética individual e social, uma *força* que movimenta setores econômicos e estabelece interesses individuais e coletivos, uma *tecnologia* que molda subjetividades. (BELLEI, 2002, p. 14 e 15).

O livro não desaparecerá com a tecnologia, mas virá em outros tipos de materiais. Porém, Bellei aponta Sven Birkerts como um exemplo de escritor que reprova toda essa mudança. Com seu livro *The Gutenberg Elegies* (1994), Birkerts mostra todo seu desencanto pelas novas tecnologias e não vê um caminho alternativo para fugir desse trauma causado pela possibilidade da perda deste objeto sagrado. O próprio autor revela que esta “mudança da página para a tela, como forma de fluxo e recepção do conhecimento, coloca em xeque valores perenes da civilização ocidental” (BIRKERTS apud BELLEI, 2002, p. 19), pois haverá ausência na formação do indivíduo e também na capacidade do entendimento histórico. Birkerts acredita que ler um livro é mais do que buscar informação e conhecimento, é buscar a sabedoria. Os livros disponíveis no meio eletrônico que já existem em excesso oferecem somente uma sobrecarga de dados que satisfaz àquele ser individual absorvido pelas ações cotidianas. Segundo o autor,

Na medida em que nos entregamos à experiência de imersão em um livro, ouvimos música ou nos entregamos ao universo visual da pintura, somos possuídos pela perda de consciência do presente enquanto força norteadora de uma rede de direções possíveis. Abandonamos a estrutura dominante do agora, substituindo-a por sentidos, sentimentos e absorção. Todas as comunicações eletrônicas, por outro lado, estão fundamentadas no princípio do imediato. Para usá-las, para interagir com elas, torna-se necessário entrarmos em uma espécie de *agora* virtual – o presente perpétuo do impulso, do “beep”, do brilho intermitente do “cursor”. Fala-se comumente em ciberespaço, termo que designa aquele estranho não-lugar de armazenamento e fluxo de dados, o espaço em que vivemos quando estamos conectados à rede. Proponho que comecemos a usar também o neologismo análogo, “cibertempo”, para designar o limbo em que ficamos suspensos enquanto atuamos no ciberespaço. (BIRKERTS apud BELLEI, 2002, p. 21).

Mas será que os livros disponíveis nos meios eletrônicos não podem também nos proporcionar tal sabedoria? Vimos, até então, as avaliações pessimistas de Birkerts; em contrapartida há avaliações otimistas como as de Robert Coover, por exemplo. Coover entende que o leitor de livros virtuais não são decadentes e piores, mas, sim, diferentes em relação ao passado. Acredita que o “livro impresso” é uma forma de

opressão, pois sempre segue uma linearidade imposta pelo próprio autor do texto. Alguns autores, como, Joyce e Sterne, entre outros, tentaram fugir desta linearidade que era algo inovador, porém não tiveram sucesso, pois ainda estavam presos ao livro, sem se disporem de outro meio ou de outra tecnologia.

Com tal otimismo e interessado na quebra da linearidade, Coover criou, em 1992, uma “Oficina de Ficção Hipertextual”, onde seus acadêmicos produziram um texto coletivo no meio eletrônico cujo nome era *Hotel*.

[...] hospedar-se, abrir novos quartos, novos corredores, novas intrigas, desconectar textos e criar novas conexões, interferir nos textos dos outros, alterar a direção do enredo, manipular o tempo e o espaço, dialogar através de personagens fictícios, destruir personagens fictícios dos outros, e até mesmo sabotar o encanamento do prédio. (COOVER apud BELLEI, 2002, p. 28).

Ao final, Coover percebe que a tecnologia poderá revolucionar o ensino, pois os resultados obtidos pelos alunos, em termos de criatividade, foram melhores do que dos acadêmicos que frequentavam cursos regulares de graduação.

Tais inquietações nos levam a refletir como o computador pode afetar o livro. Há duas maneiras distintas: a primeira, sem muitas consequências, simplesmente reproduzir livros impressos no meio eletrônico e apresentá-los na tela. Aqui há até um benefício, pois haveria menos espaço para armazenamento de textos e maior facilidade de acesso. O problema maior poderia ser das editoras e dos donos de livrarias, porque com a possibilidade de que o acesso gratuito a textos facilmente armazenados em tela acabaria diminuindo a procura real dos livros em livrarias. A segunda afeta de forma mais radical, transformando-os em hipertexto.

Esta transferência do meio impresso para o meio eletrônico é somente uma tentativa de criar uma biblioteca eletrônica. Michael Hart, em 1992, motivado pelo idealismo democratizante, criou o Projeto Gutenberg, no qual as pessoas teriam acesso gratuito e universal e a mão-de-obra para a reprodução dos textos seria de trabalho voluntário de alunos de pós-graduação. Estas vantagens seriam evidenciadas logo após o surgimento da Internet, que tornava possível a propagação do conhecimento e da informação de forma imediata. Com esta disponibilidade, países do Terceiro Mundo também seriam beneficiados, pois são cronicamente afetados pela falta de periódicos, livros e bibliotecas.

A *Bíblia*, a obra de Shakespeare, a Constituição Americana, a Carta dos Direitos Humanos e a Declaração da Independência, foram as primeiras obras que Hart transferiu para o meio eletrônico. Houve outro projeto semelhante ao de Gutenberg, conhecido como *National Electronic Library* proposto por Brian Hawkins em 1996. Tal biblioteca seria também disponibilizada pela Internet, administrada por uma agência sem fins lucrativos e com um sistema de cooperação com outras bibliotecas norteamericanas. O objetivo maior da biblioteca era criar o acervo com quatro princípios básicos: “garantia de acesso gratuito, interligar-se a outras entidades da Internet, atenção as possibilidades de desenvolvimento futuro e abertura às inovações tecnológicas

(HAWKINS apud BELLEI, 2002, p. 35). Porém, Hart e Hawkins encontraram as mesmas dificuldades para criar a biblioteca eletrônica. Tais problemas para a concretização desses acervos são: “como evitar reduplicações, como definir a questão de padrões a serem estabelecidos para a digitação dos textos, como tratar o problema dos direitos autorais” (BELLEI, 2002, p. 35). Apesar de se deparar com essas dificuldades para a criação desses acervos eletrônicos, vale a pena ressaltar a importância dela no decorrer dos anos. Afinal, os livros impressos sofrem, aos poucos, corrosão do papel por substâncias ácidas, provocando deterioração em acervos muito importantes. Com a transferência para o meio eletrônico, não haveria problema de corrosão e sem contar que não haveria problema também com o espaço físico que é necessário para o armazenamento dos livros em uma biblioteca comum.

Corroborando a ideia de Bellei, Regina Helena M. A. Corrêa em seu texto intitulado: “De anjos virtuais a reais: Mistificação, paranoia ou uma questão cultural”, também acredita que o uso da internet e da tecnologia aplicada à literatura, a circulação de texto ficou mais fácil:

A uma aceção um tanto quanto numérica em relação às publicações somam-se tantas outras inquietações que circulam o mundo literário com o advento do meio eletrônico. Hoje, a publicação de uma obra literária de forma independente pode ser feita quase de graça, através de CDs e/ou sítios na internet. O meio eletrônico, portanto, tem proporcionado aos escritores e leitores mais proximidade e, portanto, rapidez no contato. (CORRÊA, 2008, p. 42).

A autora afirma também que a experiência literária no meio digital “como reprodução de valores tradicionais relacionados à publicação, que corroboram a ideia de que este meio tem mais incentivado o livro do que contribuído para a sua extinção” (CORRÊA, 2008, p. 44). Portanto, a publicação no meio digital não é uma ameaça ao mercado livreiro e nem o autor, o leitor e a editora serão extintos com o surgimento dessa nova tecnologia.

De acordo com Almir Corrêa, em seu texto intitulado “Inclusão social e literatura digital no Brasil”, relata que é crescente os acessos aos *sites* que proporcionam conteúdos gratuitos, pois os usuários são, geralmente, de classe média e também aqueles que estão sendo incluídos no meio digital por programas do governo. O autor levanta uma questão relevante quanto a produção no meio digital. “Há diferença entre o autor no mundo digital e aquele do mundo ‘real?’” (CORRÊA, 2008, p. 35); “Por princípio, a virtualidade eletrônica não carrega em si uma qualidade diferenciadora dentro do sistema cultural. Parece que o texto eletrônico precisa ser ainda do matiz autoral concreto” (CORRÊA, 2008, p.35).

Com a crescente produção de obras no meio digital que muitos autores estão disponibilizando, Corrêa salienta que há uma Academia Virtual Brasileira de Letras¹. Essa academia foi criada por “autores, escritores e poetas virtuais, cuja finalidade é

¹ www.abvl.com.br.

disponibilizar na www seus textos e, assim firmar no tempo e espaço esta nova Época Literária ‘virtualismo’².

Foi fundada em 7 de maio de 2001 e entre os seus objetivos destaca-se:

Os objetivos da Academia são: reunir Artistas, Autores, Escritores e Poetas Virtuais, divulgar suas obras. Servir de elo e ponto de encontro entre Artistas Virtuais. Compreende-se por “Artistas Virtuais” todos aqueles que elaboram seus próprios *sites* e utilizam do computador para divulgar e confeccionar seu trabalho (através de *sites* e e-mails). Demonstrando assim amor profundo à arte de digitalizar, conseqüentemente transportando da vida “virtual” à vida real seus dons artísticos, seus sentimentos e conhecimentos, os quais manifestam através de suas “artes” no mundo “virtual e real”.³

Já estão cadastrados mais de 250 membros os quais são efetivos, honorários, correspondentes e agregados e há várias produções disponíveis *on-line* e gratuitamente. Além disso, a autora Elaine Aparecida Lima com o texto “Autor e leitor em tempos de literatura virtual”, levanta a questão do papel do leitor e também do autor nas tramas da literatura digital, assunto também questionado por Alimir Corrêa. O hipertexto, como o nome já diz, são produções fragmentadas cujas partes podem pertencer a um ou mais autores, permitindo ao leitor fazer uma eleição do que pode ser lido e como pode ser lido, trilhando, dessa maneira, os caminhos que o leitor quer seguir, possibilitando, de fato, um “protagonismo” ao leitor. “Escolhendo, livremente, os nexos que constituem o hipertexto, o leitor toma para si a estruturação da escritura, dando-lhe pessoalmente a constituição do seu início, meio e fim, dantes a obrigação única e intransferível do autor” (LIMA, 2008, p.60). Portanto,

Ao escolher o itinerário a seguir e, conseqüentemente, tornar-se participante do processo de construção do texto, o leitor é capaz de construir sucessões independentes daquelas formuladas pelo autor, apesar de com elas interagirem. Transformando-se em autor, o leitor dá vazão ao questionamento da originalidade e do sentido cristalizado do material decodificado. Com a dispersão dos dados em rede. Modificam-se as percepções de texto e de autor independentes e unos, bem como se questiona a propriedade autoral e de publicação, ofertando-se espaço à acessibilidade. (LIMA, 2008, p. 61).

O que podemos observar, então, nos hipertextos ou em textos *on-line* são as modificações que ocorreram na escrita, ou melhor, nos novos suportes que ajudaram a garantir o seu registro. Regina Zilberman em seu texto, “A leitura no mundo digital”, revela que apesar de existir vários modos de armazenamento da escrita no decorrer dos séculos, podemos perceber que a leitura ainda se mostra constante. Segundo a autora:

² <http://www.avbl.com.br/website/quemsomos/>. Acesso em: 3 mar. 2010.

³ <http://www.avbl.com.br/website/projetos/estatuto.php>. Acesso em: 3 mar. 2010.

A leitura sempre depende do olhar de um leitor. Por essa razão, a leitura de textos transmitidos por meio digital guarda parentesco com o procedimento inaugurado há alguns milênios pelos sumérios. Ou seja: mesmo no seu formato inovador e instigante [...] não escapam à confirmação da unidade própria à leitura, reiterando sua natureza, por mais distintas que sejam ou tenham sido práticas de ler. Pressupõe-se, pois, que a leitura não corre riscos, quando se transporta a escrita do papel para o meio digital. (ZILBERMAN, 2009, p.04).

Se muitos acreditam que a leitura será prejudicada com o aumento de produções de textos *on-line* ou que o computador colocará em risco o universo do livro impresso, Zilberman aponta que um não exclui o outro, mas sim, formarão uma parceria contribuindo de forma significativa para a leitura em si.

O acesso à realidade virtual depende do domínio da leitura e, assim, essa não sofre ameaça, nem concorrência. Ao contrário, sai fortalecida, por dispor de mais um espaço para sua difusão. Quanto mais se expandir o uso da escrita por intermédio do meio digital, tanto mais a leitura será chamada a contribuir para a consolidação do instrumento, a competência de seus usuários e o aumento de seu público. (ZILBERMAN, 2009, p.05).

Com semelhantes reflexões, Nize Maria Campos Pallanda em seu texto intitulado, “Leitura Digital e Complexificação: reflexões sobre a constituição de si”, relata a importância do espaço digital como um incentivo à cognição/subjetivação que as conexões em rede proporcionam aos leitores. Segundo a autora, a leitura de hipertextos, por exemplo, molda os sujeitos, ou seja, eles “se transformam nessa relação sujeito/máquina em atividades hipertextuais na qual eles configuram uma outra realidade, constituindo conhecimento/subjetividade e não simplesmente aprendam ‘coisas’” (PALLANDA, 2009, p. 95). Além disso, quando tais sujeitos traçam esses caminhos não-lineares, acontece uma flexibilização maior dos sujeitos e também se tornam capazes de fazer novas abstrações reflexivas, pois esses percursos digitais, segundo Pallanda, “nos obriga a reconfigurações contínuas” (PALLANDA, 2009, p.96).

Miguel Rettenmaier, em seu texto “Cibercultura e literatura: um mundo por fazer?”, discorre que tal hipertextualidade, juntamente com diferentes códigos, provocou uma fusão dinâmica de linguagens para novas possibilidades de sentido. “Nesse aspecto, o computador pode receber, conservar e difundir qualquer tipo de signo” (RETTENMAIER, 2008, p. 72). Porém, Almir Corrêa nos alerta que ainda estamos vivendo em um momento particular no uso dos computadores:

A lembrança de um passado onde a reprodutibilidade técnica do cinema ameaçava o teatro enquanto arte caminha *pari passu* com um presente mistificado, quando costumemente percebemos cavaleiros do apocalipse a anunciar o fim da educação ou a maravilhada inclusão de todos. (CORRÊA, 2008, p.15).

Porém, apesar de ser recente a discussão sobre essa utopia do milênio que é a literatura digital, Beatriz Resende nos mostra que não podemos ignorar o fenômeno. Coerentemente com tal afirmação, Pierre Lévy também aponta que não podemos conservar um pensamento crítico a essas novas tendências sem, de fato, conhecê-las como uma nova forma de comunicação da contemporaneidade. Vale a pena ressaltar, então, de acordo com Bellei, que “a rede não transforma a todos em produtores e escritores, nem toda informação e conhecimento vai para a rede e nela atua com o mesmo valor” (BELLEI, 2002, p.131).

Se os livros impressos são para muitos pesquisadores e alunos uma forma de acesso à informação, podemos afirmar, portanto, que com as tecnologias, os pesquisadores e alunos terão, não somente, mais acesso a informação, mas também, começariam a trabalhar interativamente com o hipertexto, por exemplo, e a partir daí, passariam a ser *produtor de conhecimento* e não apenas um mero *consumidor passivo*.

Com todas as afirmações e propostas de leitura dos autores supracitados, devemos ressaltar, portanto, que estamos, de fato, vivendo em uma era pós-moderna, em uma cultura denominada cibercultura. Segundo André Lemos, em seu livro intitulado *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*, a nossa cultura, ou seja, “a cultura contemporânea, associada às tecnologias digitais (ciberespaço, simulação, tempo real, processos de virtualização, etc.), vai criar uma nova relação entre a técnica e a vida social que chamaremos de cibercultura” (LEMOS, 2008, p. 15). Embora pareça recente o termo cibercultura, Lemos revela que “ela nasce nos anos 50, [...] e se estabelece completamente nos anos 80 e 90 [...], principalmente com o *boom* da internet” (LEMOS, 2008, p. 16). Lemos aponta que “a atitude dispersa, efêmera e hedonista da sociedade contemporânea vai marcar, de forma constitutiva, a cibercultura” (LEMOS, 2008, p. 18). Percebemos, então, que a realidade da sociedade está, cada vez mais, impulsionada pelas tecnologias que a cercam e, principalmente, pelas máquinas de informação: como os computadores. Com o surgimento do ciberespaço, houve uma conexão mundial, ou seja, partimos para existência da cultura impressa à cibercultura, e até podemos dizer também, de uma literatura impressa a uma (ciber) literatura. Como afirma o autor:

A cibercultura será uma configuração sociotécnica onde haverá modelos tribais associados às tecnologias digitais, opondo-se ao individualismo da cultura do impresso, moderna e tecnocrática. Com a cibercultura, estamos diante de um processo de aceleração, realizado a abolição do espaço homogêneo e delimitado por fronteiras geopolíticas e do tempo cronológico e linear, dois pilares da modernidade ocidental [...]. (LEMOS, 2008, p. 72).

Portanto, o computador, e podemos acrescentar a cibercultura, não chegaram apenas para ficar, mas também para tornarem a nossa vida, a vida social melhor e mais produtiva. Juntamente com o computador, a internet também inova a forma de vida da sociedade. Basta, então, ter um computador e um *modem* que estaremos conectados com o resto do mundo no Ciberespaço.

Mas, afinal, o que é o Ciberespaço? O termo foi criado em 1984, por William Gibson, em seu romance de ficção científica *Neuromancer*:

No livro, esse termo designa o universo das redes digitais, descrito como campo de batalha entre as multinacionais, palco de conflitos mundiais, nova fronteira econômica cultural. Em *Neuromancer*, a exploração do ciberespaço coloca em cena as fortalezas de informações secretas protegidas pelos programas ICE, ilhas banhadas pelos oceanos de dados que se metamorfoseiam e são trocados em grande velocidade ao redor do planeta. Alguns heróis são capazes de entrar “fisicamente” nesse espaço de dados para lá viver todos os tipos de aventuras. O ciberespaço de Gibson torna sensível a geografia móvel da informação, normalmente invisível. O termo foi imediatamente retomado pelos usuários e criadores de redes digitais. Existe hoje no mundo uma profusão de correntes literárias, musicais, artísticas e talvez até políticas que se dizem parte da “cibercultura”. (LÉVY, 1999, p. 92).

Uma das principais funções do ciberespaço é a de promover o acesso à distância aos diversos recursos de um computador. Por exemplo, quando conectamos um pequeno computador a um enorme computador situado a milhares de quilômetros, ele executa, em poucos minutos, os cálculos que o pequeno computador levaria meses para executar. Além disso, é possível também ter acesso a conteúdos de bancos de dados ou, em geral, à memória de um computador distante. A partir do momento em que uma informação pública se encontra no ciberespaço, ela está virtual e inteiramente à nossa disposição. Podemos ler um livro, assistir aos filmes, ouvir músicas e etc. Outro fator importante que podemos encontrar no ciberespaço é a transferência de dados, ou seja, *upload*. Isto consiste em copiar um pacote de informação de uma memória digital para outra. Vale ressaltar que esta transferência só ocorrerá quando estes arquivos estiverem classificados como de domínio público pelos administradores do computador. É o que acontece com os chamados *e-books*, por exemplo. Não há como negar que os correios eletrônicos também estão nas funções mais importantes e usadas do ciberespaço. Qualquer pessoa ligada a uma rede de computadores por ter sua caixa postal eletrônica identificada por um endereço específico, receber mensagens enviadas por seus correspondentes e enviar mensagens a todos aqueles que possuam um endereço eletrônico acessível através da rede. E, em qualquer lugar, onde haja a possibilidade da conexão, podemos tomar conhecimento das mensagens que nos são enviadas ou enviar novas mensagens.

Umberto Eco, em seu texto intitulado “Da Internet a Gutenberg”, salienta que “se a TV pode ser considerada como um tipo de janela ideal através da qual vê-se o mundo todo sob a forma de imagens, a tela do computador é um livro ideal no qual se lê sobre o mundo na forma de palavras e páginas”⁴. Além disso, Eco também discorre que os livros impressos serão indispensáveis na literatura, principalmente quando se precisa ler cuidadosamente, buscando uma reflexão ou uma informação. No entanto, devemos concordar com Eco, pois o autor acredita que os computadores ainda não são capazes de satisfazer todas as necessidades intelectuais. Aliás, ainda é

⁴ <http://www.inf.ufsc.br/~jbosco/InternetPort.html>. Acesso em: 3 mar. 2010.

cedo para pensar que as bibliotecas virtuais bem como os livros eletrônicos poderão substituir o livro impresso. Poderemos pensar na coexistência dos dois, como funções diferenciadas e especializadas. Afinal, foi o que aconteceu com as tecnologias anteriores: “a fotografia alterou o sentido da pintura, mas não a substituiu, [...] o correio eletrônico criou nova forma de comunicação, mas as agências de correios e telégrafos continuam operando”⁵. O que podemos observar, então, é que tanto o ciberespaço quanto a cibercultura não são, como ainda afirma Lemos, “o deserto do real, como não são o fim da comunicação ou do social” (LEMOS, 2008, p. 74).

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA Virtual Brasileira de Letras. Desenvolvido por escritores e poetas virtuais, 2001. Apresenta produtos, como: artigos, poesias e ensaios, produzidos por autores virtuais. Disponível em: <<http://www.avbl.com.br/website/index.php>>. Acesso em: 3 mar. 2010.
- BELLEI, Sérgio Luiz Prado. *O livro, a literatura e o computador*. Florianópolis: UFSC, 2002.
- ECO, Umberto. *Da internet a Gutenberg*. Trad. João Bosco da Mota Alves. Disponível em: <<http://www.inf.ufsc.br/~jbosco/InternetPort.html>>. Acesso em: 3 mar. 2010.
- CORRÊA, Almir Aquino. Inclusão social e literatura digital no Brasil. In: CORRÊA, Almir Aquino (Org.). *Ciberespaço: mistificação e paranoia*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008. p. 27-39.
- CORRÊA, Regina H. M. A. De anjos virtuais a reais: mistificação, paranoia ou uma questão cultural? In: CORRÊA, Almir Aquino (Org.). *Ciberespaço: mistificação e paranoia*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008. p. 41-48.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LEMOS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- LIMA, Elaine Aparecida. Autor e leitor em tempos de literatura virtual. In: CORRÊA, Almir Aquino (Org.). *Ciberespaço: mistificação e paranoia*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008, p.60-70
- MARUCCI, Q. F. *Três e-books de ficção científica: uma análise comparativista*. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) “ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2009.
- PALLANDA, Nize Maria Campos. Leitura digital e complexificação: reflexões sobre a constituição de si. In: *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 56, n. 34, p.90-98, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/index>>. Acesso em: 18 set. 2009.
- REITENMAIER, Miguel. Cibercultura e Literatura: um mundo por fazer? In: CORRÊA, Almir Aquino (Org.). *Ciberespaço: mistificação e paranoia*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008. p.71-85.
- ZILBERMAN, Regina. A leitura no mundo digital. In: *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 56, n. 34, p.22-32, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/index>>. Acesso em: 18 set. 2009.

⁵ <http://www.inf.ufsc.br/~jbosco/InternetPort.html>. Acesso em: 3 mar. 2010.